



MADRE INÊS PFUND
Superiora Geral de 1850 a 1858

Madre Inês Pfund

A eleição veio a realizar-se no dia 30 de outubro de 1850. O resultado, depois de longas incertezas, foi a eleição para superiora, com fraca maioria, da Ir. Inês Pfund. Ela logo foi reconhecida e saudada como tal pela Madre Francisca, o que também fizeram as demais Irmãs. E assim pareceu que, uma vez eleita a nova superiora, todas as dificuldades desapareceriam.

Tal esperança, contudo, frustrou a atitude intempestiva da nova Madre. Possuía zêlo - e nada permite duvidar da sua sinceridade e desinteresse - porém, carecia de prudência. Logo, terminada a eleição, começou a orientar a Comunidade segundo seus pontos de vista. Em lugar do esforço pessoal pela união silenciosa com Deus durante o dia, vieram diversos exercícios de oração vocal. Antes, bastava o olhar severo da Madre para punir alguma infração e levar ao arrependimento. Agora iria haver castigos e sanções, até então desconhecidas. Mesmo problemas formais de obediência surgiriam - tais como as crônicas das Ordens ocasionalmente mencionam, mas que até então não se conheciam entre as Irmãs de Graz, porque não teriam tido sentido.

Novamente surgiu descontentamento, precisamente junto às Irmãs que conheciam os primeiros dias da Fundação e que sofriam com o fator de terem outra superiora, não mais a mui estimada Fundadora. Ir. Francisca, agora com o cargo de Assistente, conseguiu fazer calar esses queixumes, porém não conseguiu impedir que as Irmãs viessem procurá-la diariamente com novas queixas. Ela mesma, sem embargo, sofria com as inovações que não eram de seu gosto. O que, porém, podia fazer? Sua doença progredia rapidamente. Já não podia deixar a cela, e esta agora se tornara o refúgio das aflitas.

Madre Inês, querendo acabar com esta resistência mais ou menos aberta, proibiu simplesmente às Irmãs de visitarem a Assistente doente. Algumas Noviças que infringiram esta proibição foram demitidas. Tal procedimento levou o descontentamento ao auge. Sempre mais viram elas, que o Instituto se afastava daquilo que, a princípio, tanto procuravam. Assim julgaram-se com o direito de fazer uso das concessões outorgadas pelos Estatutos. Já anteriormente, no ano de 1849, houve uma egressa, no fim do período de três anos de votos. Conforme os Estatutos, a saída da Congregação não tinha nenhum caráter difamatório: era livre, como livre foi a entrada.

O outro grupo, porém, das Irmãs, seguindo as idéias da Madre

Inês, julgando a saída como apostasia, considerava-a uma traição, e estava indignado, Madre Francisca, colocada entre dois fogos, e permanecendo neutra, sofria com isso, tanto mais por se julgar culpada da dissensão, não sabendo mais como restituir a unidade, tão bela, dos primeiros anos. Não podia colocar-se contra os Estatutos por ela apresentados e aprovados pela Santa Sé, nem sentia mais forças de se empenhar e lutar por eles. Nunca foi de caráter combativo e, ainda mais, achava-se gravemente enferma.

Em breve, só viu uma saída: ceder, dar liberdade à jovem superiora, com suas reformas. Deus certamente manifestaria sua vontade um dia. Por ora - não obstante sentir muito ter que deixar sua Comunidade - este sacrifício deveria obrigar as outras a viverem unidas. E nisso prognosticara certo: de um lado, depois desses acontecimentos, todas as Irmãs se sentiram abaladas e viram ser inútil qualquer resistência contra a Madre Inês, sob pena de sua auto-destruição. Por outro, a Superiora vira-se forçada pelas circunstâncias a frear seus planos de renovação ao menos no momento.

Ir. Francisca ainda se empenhara para segurar as Irmãs descontentes. Falhando nesse objetivo e vendo que a oposição se polarizava em sua pessoa, reavivando-a assim - mesmo após a sua morte - ela tomou a decisão que muitos então não compreendiam: depois da saída de quatro Irmãs, também ela deixou o Instituto, indo morar, doente como estava, com seu irmão. Irmã Elisabete Stieber, a última das pioneiras de 1843, seguiu-lhe o exemplo, já que nada mais a prendia à Comunidade tão transformada.

Madre Francisca - agora de novo Antônia Lampel - veio a falecer, na casa de seu irmão, poucas semanas depois da saída, i. é, no dia 28 de maio de 1851. Tinha alcançado a idade de 43 anos e nove meses.

Afinal não havia mais impedimento algum para a Madre Inês, nada que lhe obstruísse o caminho. Contudo, de repente, em lugar das dificuldades internas, surgiram perigos externos para a própria subsistência da Comunidade. A perda de cinco professoras, das mais experientes e qualificadas, fez periclitar a existência da Escola. Todos os esforços foram envidados para debelar a situação. Mal conseguiram isso, garantido o prosseguimento das aulas, outro grande obstáculo surgiu: Madre Francisca, ao sair, tinha feito doação à Comunidade da casa nº 395 da Neuthorgasse, por ela adquirida e considerada o berço da Congregação. Veio agora o Estado reclamar os impostos sobre doações feitas em vida. Era 10% do valor, i. é, 1.800 florins. A



Dia 15/02/1851

M. Francisca deixou o Instituto e foi morar na casa de seu irmão Heriberto na Jungferngasse, onde faleceu no dia 27 de maio de 1851.

Superiora achou injusta esta reclamação, porque a casa fora adquirida para a finalidade da Fundação e já sempre pertencia a ela. Madre Inês podia estar de boa fé, pois entrara após o começo da Fundação e não acompanhara os primeiros anos de vida da Congregação. Todos os seus argumentos aduzidos contra o imposto não a livraram do pagamento a ser feito. Dois anos fazia requerimentos e mais requerimentos, chegando até o Imperador com as suas reclamações. Apenas conseguiu o favor de um pagamento parcelado.

Durante dois anos, Madre Inês lutou assim com o Fisco. Toda a sua atenção estava voltada para este problema, absorvendo suas preocupações. Em consequência disso, porém, e felizmente, os ânimos se acalmaram.

Todas se mostravam gratas à Superiora pelo seu desempenho corajoso pela subsistência material. D. Zängerle já não vivia, ele que, certa vez, recriminara severamente a Madre por ter - ainda que uma vez - dirigido um requerimento ao Governo Imperial, sem o seu conhecimento. Como teria ele aturado esta guerra de papel? As egressas haviam caído no olvido: madre Francisca estava morta. Não mais se falou delas. Madre Inês encobriu o passado com o manto do silêncio, ou - como dizia - "com o manto da caridade, que não guarda rancor".

Terminada a questão do imposto, Madre Inês tencionava voltar ao seu plano favorito: sentia-se na obrigação de fazer das Irmãs de Graz, verdadeiras Irmãs Terciárias, i.é, tais como as havia no Tirol. Por primeiro, cogitou harmonizar os Estatutos com a Regra observada no Tirol. Era bastante difícil esta tarefa, por causa das muitas divergências existentes. Por exemplo, os Estatutos de Graz fixavam a idade mínima de 18 anos, para a admissão, enquanto que a Regra Terciária só proibia a admissão abaixo de 16 anos. Tal divergência causou-lhe perplexidade.

Queria, então, mandar imprimir a Regra, deixando de lado tudo o que na Regra aprovada por Leão X não se harmonizasse com os Estatutos de Graz. O Bispo, porém, negou a licença de imprimir.

O passo seguinte, na opinião da Madre Inês, seria a filiação de sua Fundação à Ordem Franciscana, ou seja à Província do Tirol do Norte, tornando-se o Provincial Superior da Congregação. O Capítulo Provincial, contudo, negou o pedido, pois a pequena Comunidade, sem Casa Central bem organizada, poderia constituir um peso para a Província.

Madre Inês ficou muito impressionada com a seguinte frase,

com que se negou o pedido: "nem possuem Casa-Mãe bem apropriada". É logo tomou resolução de construí-la. Queria adquirir um imóvel na Rua Elisabete, desfazendo-se do terreno em Algersdorf. Com isso também o trabalho no campo seria liquidado de vez, já que muitas o julgavam inconveniente. Em pouco tempo obteve a licença da Cúria, tanto para a venda do terreno em Algersdorf (Eggenberg), como também para a compra do imóvel (abril de 1854). Os habitantes de Algersdorf, alarmados pelo boato da próxima saída das Irmãs, fizeram um abaixo-assinado, pedindo a permanência das mesmas. Lembra-ram o grande bem que a Escola das Irmãs, desde 1846, fizera à população, pois a Escola Municipal de Baierdorf ficava longe, de modo que o povo apreciava muito este benefício em favor das meninas da redondeza. Tais argumentos não deixaram de impressionar a Madre Inês. Mais a incomodava, porém, o alto preço de compra do terreno dentro da cidade. A venda da chácara em Algersdorf mal dava para a compra do terreno, não sobrando quase nada para a construção. De modo que o projeto todo foi abandonado.

O prédio "Stainzerhof" não podia ser ampliado. Encurralado dentro da cidade, sem horta, era realmente inadequado para uma Comunidade que ia aumentando. Resolveu-se então construir em Eggenberg mesmo. Várias parcelas do terreno, de que as Irmãs já não tinham tanta precisão, foram alienadas; além disso, a casa 395 (404) da Neuthorgasse foi deixada ao construtor Mixner como entrada de pagamento. Ia, pois, começar a construção no verão de 1854.

Como outrora, no tempo da Madre Francisca, também agora o irmão dela, Heriberto Lampel, sete anos mais novo do que ela, tornou-se o encarregado e representante das Irmãs perante as Autoridades Civis. Boa prova de que Antônia Lampel, mesmo após a saída, não deixara de cuidar da Congregação por ela fundada, dispensando-lhe seu interesse. O Sr. Lampel, enquanto viveu, ficou fiel à sua missão. Ainda em 1882 temos notícias de sua atuação, como conselheiro numa questão com o Fisco. Se a saída de Francisca da Congregação tivesse significado uma ruptura, seria impossível que o irmão, que a recebera, e em cuja casa ela morrera, se tivesse dedicado tanto à Comunidade.

Começou, pois, a construção, apoiando-se na Providência e no auxílio dos benfeitores. Madre Inês dirigia pedidos e requerimentos a diversas pessoas e às Autoridades, e não sem resultado. Todavia os donativos que vinham, representavam uma gota d'água lançada em forno quente. Em agosto, tendo a construção atingido dois terços do

total, o Sr. Lampel verificou a impossibilidade de continuar, por falta de recursos. O caso era urgente: a todo custo devia-se acabar a construção antes do inverno, se não quisessem expor-se aos grandes prejuízos do frio e das geadas.

As Irmãs rezavam, sem cessar. Madre Inês - reeleita em 1853 - fez pedidos a toda parte. Ao Imperador pediu o favor de permitir realizar uma coleta geral na Monarquia. O Magistrado de Graz apoiava este pedido, testemunhando seu apreço à atividade das Irmãs. O próprio Arcebispo de Viena, D. Otmar R.V. Rauscher, dera às Irmãs uma bela e paternal recomendação, visto que conhecia e estimara as Irmãs durante sua permanência de quatro anos como Bispo-Príncipe de Seckau. O Imperador, pois, permitiu a coleta. A Administração das Estradas de Ferro deu seis passes-livres para cada grupo de duas Irmãs, válidos para o território austríaco. Também concedeu transporte gratuito ao trigo recolhido pelas Irmãs.

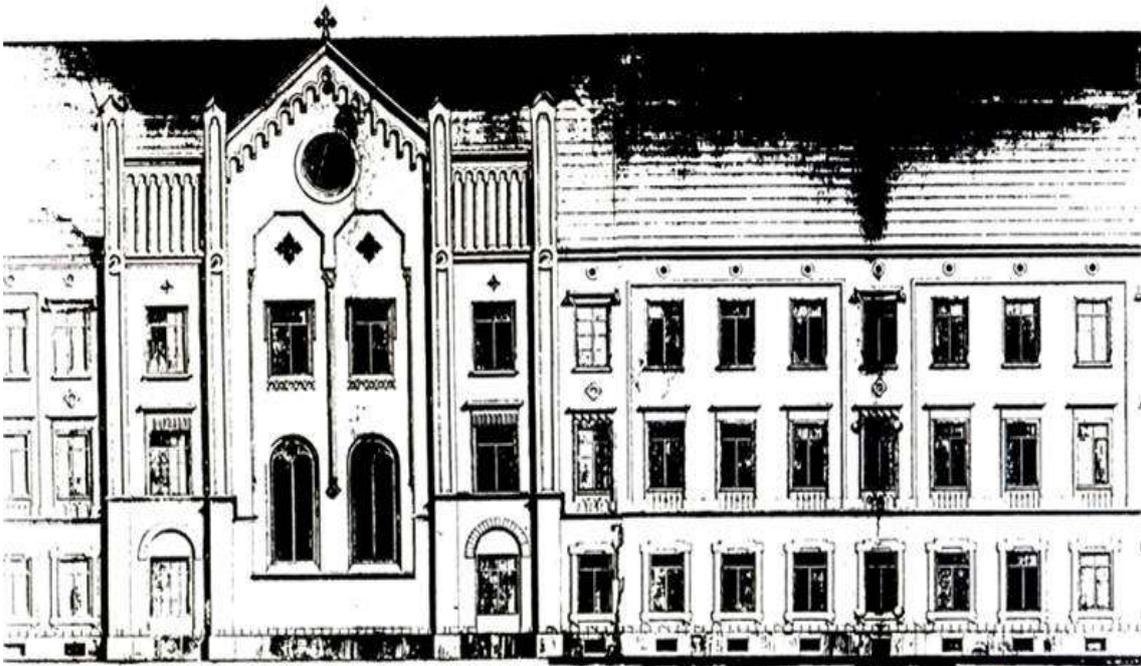
Vemos então doze Irmãs percorrendo vilas e povoados da Áustria, pedindo donativos para a construção da Casa-Mãe. Também para o território húngaro valia a licença. Por falta de pessoal, não puderam no mesmo ano, fazer uso dessa licença, a qual, no entanto, foi revogada no ano seguinte.

Para o momento, as Irmãs resolveram o problema com um empréstimo de 10.000 fl., sem juros, junto ao Fundo para Assuntos Religiosos da Estíria. A construção podia prosseguir. No outono de 1855 o telhado já estava pronto. Na primavera de 1855 os trabalhos continuaram, podendo as Irmãs tomar posse da nova Casa-Mãe em novembro do mesmo ano. O acabamento interior seria tarefa dos anos seguintes. A Capela foi consagrada em 30 de outubro de 1856.

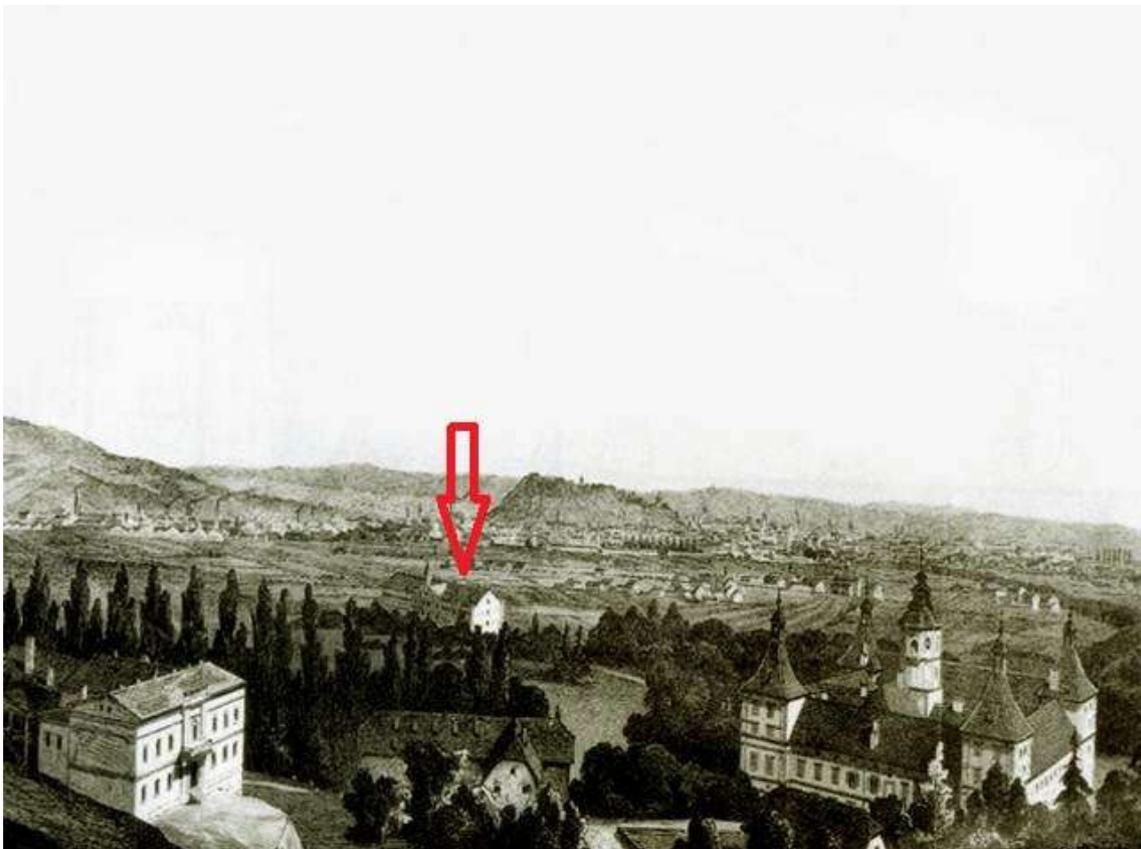
As Irmãs estavam mais do que contentes, possuindo agora uma Casa Central, em sítio bem ameno e saudável. Ao redor se viam prados, campos e densas florestas do Plabutsch, bem próximas; todos os cuidados tinham cessado e a Madre Inês merecia geral gratidão pelo projeto ousado e executado. Tomara sobre si toda a preocupação, pois só assim podia levar adiante seus planos. Tendo em vista esta meta, sentia força e ânimo adquiridos nas dificuldades passadas. As Irmãs não sabiam nada desses planos ulteriores, só viram nela a Construtora da Casa-Mãe. Bem agradecidas, elas deram à Madre Inês voto unânime em 1856, para o novo período de governo.

Chegara o tempo de dar o segundo passo. Foi pedir ao Bispo, D. Otocar Maria Conde v. Attems, para permitir a Filiação de seu Instituto à Ordem Franciscana. O Pe. Guardião e, ao mesmo tempo con-

Planta da Casa Mãe e a Construção em Eggenberg - 1854



"Fahsad für das Institut der Schulschwestern in Eggenberg".
Graz am 27. Juni 1854. Josef Mixner, Baumeister.



fessor das Irmãs, Frei Leão Panfili fora consultado. Na sua resposta realçou não ser o projeto de sua autoria, embora dele tivesse tido conhecimento. No caso de os Franciscanos tomarem o Instituto sob a sua jurisdição, certas reformas seriam necessárias. O Instituto deveria ser em tudo igual ao das Irmãs Terciárias do Tirol, sendo que os Franciscanos não gostariam de dirigir Institutos divergentes. Com isso, o Instituto de Graz, tal como até agora existira, cessaria, e, em lugar disso surgiria algo de novo. Já que este algo novo existe na Monarquia Austríaca (no Tirol e em Salzburg) e já tinha a aprovação papal, não haveria necessidade de ulterior aprovação.

O Bispo nada teve a objetar, apenas reteve a suprema jurisdição - não seria pois um Instituto isento. Também os Franciscanos, no seu Capítulo Provincial de 31 de janeiro de 1858, aceitaram este segundo pedido em face da atitude manifestada pelo Bispo. As "Pobres Irmãs de S. Francisco" - assim o novo título dado por Madre Inês, passaria à Jurisdição da Ordem Franciscana. O Pe. Provincial deveria fazer Visita Canônica anualmente, ou ele ou seu Delegado; de resto, o Pe. Guardião de Graz seria o Superior do Instituto. Naquele tempo Frei Crisólogo Reiner era guardião. O Pe. Provincial devia dar licença para cada Vestição e Profissão - a mesma licença devia-se pedir ao Ordinariato e ao Governo Civil. Já se vê que a nova Ordem não seria mais simples.

Já em dezembro de 1857 o Bispo dera aprovação aos novos Estatutos. Haveria agora votos perpétuos (logo após o Noviciado), a pobreza seria observada como de costume, i. é, as Irmãs ao entrar perdem o direito de propriedade, de aquisição e de fazer testamento. Tudo passa ao Instituto.

Na opinião da Madre Inês, que era também a de Frei Leão Panfili, pelo novo fato de filiação à Ordem Franciscana, o antigo Instituto das Irmãs das Escolas Cristãs cessara de existir.

No novo Registro das Irmãs figuravam todas que se achavam atualmente no Instituto; excluídas, contudo, as que morreram ou saíram antes de 1851. Também não constavam as Irmãs que se mudaram para Vöcklabruck. Assim também não havia lugar no Registro para Antônia Lampel, ou seja Madre Francisca. Na nova matrícula o número 1 era da Madre Inês.

Com a filiação à Ordem Franciscana, de certo modo, a atividade das Irmãs também se modificou. Uma vez que no Tirol as Irmãs não mantinham pensionatos, também na Estíria não deviam tê-los. Devido, porém, à situação particular local, a Casa-Mãe podia continuar com o

pensionato, ficando proibida qualquer nova aceitação de pensionatos. Também não deviam aceitar filiais muito distantes, antes procurariam as pequenas escolas do campo, facilitando assim a supervisão de tudo. Com isso deu-se início a uma evolução, característica durante um século. As Irmãs procuravam o interior, as pequenas escolas de aldeia.

Mais um desejo tinha Madre Inês : pedia licença para as Irmãs receberem no dia da 'Profissão Perpétua' o nome de Maria. Desta feita todos seus desejos e projetos estavam realizados, alcançara a meta. Mas estava também no fim de suas forças. Todo tempo de seu governo de oito anos era repleto de lutas e dificuldades e com todo ardor de seu caráter as tinha enfrentado. Estava esgotado o arsenal de reservas físicas. A tísica veio derrubá-la com apenas 38 anos. Aos 8 de agosto de 1858 fechou os olhos para sempre.

O sucessor de Frei Crisólogo, que era Frei Beno, mais tarde declarou ter ouvido falar que os planos de Madre Inês tinham sido projetados e executados sem que ela houvesse consultado as conselheiras. Uma vez convencida do que julgava certo, Madre Inês não era a pessoa de suportar a seu lado opiniões divergentes. Sob seu comando as Irmãs se acostumaram a não ter opinião própria. Pois bem viram, o quanto era perigoso ter idéias próprias.

Quando, mais tarde, o Pe. Geral consultou a Santa Sé a respeito desta Filiação, veio a resposta, no dia 4 de fevereiro de 1865, declarando-a inválida. A Congregação que teve seus Estatutos confirmados por Gregório XVI não poderia mudá-los essencialmente, sem nova licença. As Irmãs das Escolas Cristãs estariam sob a jurisdição do Bispo. Seria algo de novo estarem as Irmãs de Votos simples sob a jurisdição dos Religiosos. O Pe. Geral deu notícia ao Sr. Bispo desta decisão e a própria Congregação dos Religiosos, por sua vez, também dera ao Prelado aviso de que devia retomar a jurisdição sobre as Irmãs. Os Franciscanos não teriam outros direitos senão aqueles próprios ao confessor. O Bispo, idoso, fez comunicação disto às Irmãs. Foi sua última visita a Eggenberg. Poucos dias depois adoeceu. Após a morte do Bispo, o Consistório episcopal achou o ofício da Congregação dos Religiosos entre a correspondência, porém julgou melhor deixar a solução final ao novo Bispo.

Com isso a reforma ia ficar com o Bispo-Príncipe D. Zwerger. Seria uma re-forma em sentido literal : a antiga forma seria reintroduzida; a fundação de Madre Francisca e de D. Zängerle ia reviver.



Sucessor de D. Zängerle

Dom OTMAR RAUSCHER

1849 - 1853



DOM OTOCAR MARIA CONDE V.

ATTEMS

1853 - 1867



DOM JOÃO BATISTA ZWERGER

NASCEU: 23/01/1824

EM ALTREI – TIROL – ÁUSTRIA

1867 - 1893

D. João Batista Zwerger

O sucessor imediato de D. Zängerle fora D. Otmar R.v. Rauscher, designado em 1849 para a Sé Episcopal de Seckau, governando a diocese por quatro anos. Pouco tempo residia em Graz, sendo que negócios importantes o retinham em Viena, e o jovem Imperador Francisco José I desejava ter seu antigo preceptor perto de si. Em 1853 então foi nomeado arcebispo de Viena. Para Graz veio D. Otocar Maria Conde Attems, membro da antiga nobreza da Estíria. Administrou a diocese até 12 de dezembro de 1867. O jornal liberal 'Tagespost' o chamou de 'bondoso e clemente', fazendo votos que o seu sucessor também fosse 'tão pouco fanático' como ele. Bondoso e clemente como era, D. Otocar Maria não se opôs ao plano de Madre Inês. Pelo contrário, ele a recomendava junto aos Padres Franciscanos. Somente não percebia que uma Congregação aprovada pela Santa Sé não podia fazer reformas essenciais sem licença de Roma. O Bispo era homem de grande piedade, porém, não era batalhador. A Divina Providência que não se engana sobre as verdadeiras necessidades de cada época, deu-lhe um sucessor, cuja natureza combativa lhe estava no sangue.

Entre os bispos sufragâneos de Salzburg, o de Seckau tinha o direito de ser nomeado unicamente pelo arcebispo. Para os outros bispados, Gurk e Lavant, este direito era alternativo com o Imperador. Morto o Bispo Conde Attems, e vagando a sede episcopal de Seckau, o arcebispo D. Maximiliano v. Tarnoczi perguntou ao cabido de Graz se poderiam propor um candidato da própria diocese. Não satisfeito com a resposta dirigiu-se ao Bispo de Brixen para consultas. Ainda desta vez a indicação não agradava. Foi então consultar o bispo de Trento. Este, o Bispo-Príncipe D. Benedito de Riccabona respondeu ter realmente um nome bom para indicar. Mas esta indicação seria para ele como cortar o braço direito. Contudo, a diocese de Seckau merecia um bom prelado e por isso o metropolitano faria bem em tomar o Cônego Zwerger para este cargo (Conf. Frh.v.Oer).

O arcebispo não prosseguiu mais nas consultas e João Zwerger foi nomeado Bispo-Príncipe de Seckau, aos 10 de agosto de 1867. No dia 13 de outubro do mesmo ano foi sagrado, na Catedral de Salzburg, seguindo-se sua entronização em Graz, no dia 10 de novembro.

Quando, aos 23 de janeiro de 1824, em Altrei, nasceu um filho, na casa do pequeno proprietário João Zwerger, não sabia ele que carregava nos braços um futuro Bispo. Como é que podia saber? Embora

aplicado e piedoso era, no entanto, tão pobre que mal podia sustentar sua numerosa prole. Dos nove filhos que o casal teve, quatro morreram cedo : dois meninos e duas meninas. Restava ainda cinco filhos: três meninas, todas mais velhas que João e depois dele ainda Hauser (Baltasar) que mais tarde iria herdar os bens paternos.

Joãozinho era menino esperto, estudava bem na escola e também com o Vigário Coadjutor. Ajudava à missa já bem cedo, e fazia-o tão bem que, na opinião de muitos, devia ficar padre. Foi este também o desejo íntimo das irmãs mais velhas : Catarina e Margarida. Káthi (Catarina) foi até à região italiana procurar a Domenica Lazzari, uma vidente piedosa e sofredora, com fama de santidade (tinha também os estigmas), para saber dela, se Joãozinho ia ser padre. Porém, chegando lá, faltou-lhe a coragem de perguntar. E eis que, observando de longe a piedosa vidente, esta lhe dirigiu um olhar sorridente, acenando três vêzes com a cabeça. Káthi viu nisto a resposta à sua pergunta e jamais duvidou do futuro de seu irmão. Este, porém, mostrava pouca vontade de prosseguir os estudos. Por mais piedoso que fosse e por mais que gostasse de estudar, queria, no entanto, ser um camponês, melhor, um trabalhador rural, podendo assim ajudar o pai a ganhar um pouco de dinheiro. Com apenas 14 anos aceitou um emprego durante o verão para cuidar do gado de um fazendeiro. E como sentiu-se feliz, quando, no fim do período, pôde entregar ao pai três florins, dinheiro ganho por ele próprio. Durante o inverno ajudava o Vigário Coadjutor a manter a disciplina entre os rapazes da escola, fingindo também como hábil mestre substituto.

Contudo, Káthi não perdera a fé e também Gretl (Margarida) esperava e rezava. E estavam certas. Com 16 anos João tomou a resolução decisiva, numa hora em que, como se supõe - Margarida se oferecia a Deus como vítima, para implorar a vocação sacerdotal para o irmão. Pela Páscoa de 1840, o Coadjutor mandou chamá-lo, indagando de seus planos para o futuro. Ainda em caminho e durante breve visita à igreja, o jovem João tomou a decisão definitiva - e nunca mais lhe veio a idéia de voltar atrás. Queria ser padre... O Coadjutor deu-lhe as primeiras lições de latim. Pôs-se também a procurar em Bolzano alojamento para o novo estudante - e realmente o encontrou. Já no outono próximo João Batista Zwerger ingressou no ginásio dos Franciscanos em Bolzano. No primeiro ano, teve que enfrentar dificuldades como aluno semi-interno; superou as saudades e chacotas dos colegas, que riam do rapagão, de seu traje típico e sapatos ferrados. Não passou muito tempo, porém, e ei-lo o primeiro da classe.

Continuou, contudo, sendo um verdadeiro camponês do Tirol, sério e perseverante - chamavam-no de exagerado nos estudos. A todos conquistava, no entanto, com seu gênio prestativo. No segundo ano um tal Sr. v. Fischer o contratou para dar aulas particulares a seus filhos. Aí a sua situação melhorou, em comparação à do ano anterior, quando precisava comer cada dia em casa diferente. Acostumara-se também a conversar com gente da alta sociedade, o que mais tarde ia ser uma vantagem para ele. E quando o Sr. v. Fischer foi transferido para o Tribunal Regional de Innsbruck levou consigo o preceptor de seus filhos.

Em 1844 o pai de João veio a falecer, vítima de um acidente. Sua irmã Margarida, sempre fraquinha, adoecera logo depois do início de seus estudos; foi enfraquecendo mais e mais, tornando-se, por fim, cega e parálitica. Faleceu em 1849. O sacrifício fora aceito? Onze meses antes da Primeira Missa, que ia celebrar aos 23 de dezembro de 1851 em Altrei, João perde também a mãe.

O talentoso néo-sacerdote recebeu ordem do Bispo de continuar os estudos. Quando, porém, veio a faltar um coadjutor em Kaltern, mandaram-no para lá, impondo-lhe a obrigação de continuar os estudos em particular. A sua atitude cordial e franca, bem depressa lhe grangeou a simpatia do povo. Passados dois anos, foi a Viena para completar os estudos. Depois de ter passado nos exames de dogmática e moral, ainda ficava o do Direito Canônico. E eis que o mandaram, de repente, a Trento, para substituir um professor adoentado. A doença ia se prolongando e Zwerger já havia prestado os devidos exames, a fim de substituí-lo de vez. Novamente veio então o chamado para Viena, não para acabar os exames, mas para assumir o cargo de assistente espiritual e diretor do Seminário.

Mas o seu Bispo novamente o reclamou para sua diocese, i.é, Trento, conferindo-lhe a honra de Cônego, e nomeando-o Pró-Vigário da parte alemã da diocese. Nunca tinha procurado cargos e honrarias, e eis que eles se lhe vinham acumulando: Capelão da Corte imperial, Cônego da Catedral, Inspetor de todas as escolas da diocese e Visitador de todas as Congregações Femininas. E afinal, com apenas a idade de 43 anos, veio surpreendê-lo a nomeação para a Sede Episcopal de Seckau.

Quando D. João Zwerger veio a Graz, estavam em marcha duros combates, relativos à concordata. Os liberais não queriam aceitar a Concordata de 1855 por achá-la muito conservativa, insurgindo-se contra o controle da Igreja sobre as escolas e as leis matrimoniais.

D. Zwerger não tencionava ficar neutro e apático nessas lutas. Antes de tudo favoreceu as conferências episcopais e seu funcionamento pontual. Levantavam-se obstáculos de diversos lados. O arcebispo D. Rauscher julgou poder confiar no Imperador. Embora o Parlamento decretasse leis ofensivas à Igreja, a execução das mesmas ficava com o Imperador que as aplicaria de forma muito benigna. D. Zwerger, ao invés, queria impedir de antemão tais leis. Estavam também em andamento os preparativos para o Concílio, do qual iria participar, e, tudo isso, trouxe mais preocupações e trabalhos ao zeloso Bispo, fiel à Igreja.

A capacidade intelectual de D. Zwerger denotamos no fato de, no meio dos múltiplos e graves deveres, não perder de vista as coisas pequenas. Notando seu cuidado solícito e paternal, dispensando à pequena Comunidade das Irmãs de Algersdorf, poderíamos pensar que só a elas dedicava toda sua atenção.

Ao chegar a Graz encontrou sobre a mesa a carta da Sagrada Congregação dos Religiosos, exigindo a volta das Irmãs das Escolas Cristãs à jurisdição do Bispo e aos Estatutos antigos. A primeira parte das exigências já tinha sido comunicada às Irmãs por D. Otocar Maria Attems. Fôra a última caminhada dada pelo prelado. Agora, perplexas e confusas, esperavam ulteriores normas.

Bem no início do ano de 1868 D. Zwerger mandou chamar a Venerável Madre - cargo então ocupado por Madre Catarina Luegger - juntamente com as conselheiras para deliberarem sobre a atual situação. Era desejo das Irmãs ficar com os Estatutos de 1857, aprovados então pelo Bispo, mas não apresentados, em Roma. Apenas os pontos referentes à jurisdição seriam modificados. O desejo delas porém, não foi aceito. A Sagrada Congregação dos Religiosos concedia-lhes o direito de fazer Votos perpétuos, após três anos de votos temporários, mas de resto, rejeitava os Estatutos de 1857. As Irmãs tiveram que aceitar, embora isto lhes fosse penoso. Pois estes primeiros Estatutos pareciam-lhes muito secos, breves e com possibilidades para amoldarem-se. D. Zwerger, conhecedor da situação das Irmãs no Tirol do Sul, pelas Visitas Canônicas aí feitas, compreendeu os anseios das Irmãs de Algersdorf e pensou em remediar a situação. Sem tocar na essência e no espírito da Congregação queria ajudar as Irmãs, dando aos Estatutos roupagem nova, "mais piedosa", mais do agrado do tempo de então.

O Bispo pôs-se logo a elaborar novos Estatutos, como se tivesse muito tempo de lazer. Suas experiências no Tirol, o



M.CATARINA LUEGGER

SUPERIORA GERAL

1865 a 1888

conhecimento dos Estatutos de várias Congregações - inclusive das Irmãs de Vöcklabruk e sua piedade eram-lhe de grande ajuda. A largueza de espírito, abarcando o grande e o pequeno, é bem atestado pelo fato de ele pessoalmente - não obstante os muitos afazeres, de um Bispo, em tempo tão agitado - ter escrito à mão os Estatutos, com sua escrita afamada como pouco legível. Não omitiu, outrossim, depois de ter entregado os Estatutos no dia primeiro de setembro de 1881, de explicá-los, em diversas conferências. Não continham mudanças essenciais em relação aos Estatutos de 1843, abstração feita, das correções introduzidas pela Santa Sé, em 1868. Os novos Estatutos, contudo, não foram redigidos em linguagem seca, jurídica, mas antes se assemelhavam a um livro ascético. Ao lado de normas, obrigatórias para as Irmãs, havia outras, apenas como diretrizes, além de considerações que motivam a observância de tudo. Em suma, os novos Estatutos vinham plenamente ao encontro das precisões e do gosto das Irmãs de então.

Da autoria de D. Zwerger temos também o ritual para Vestição e Profissão, usado ainda até há pouco, com pequenas modificações.

Igualmente grande era o interesse do Sr. Bispo pelo progresso externo do Instituto. À sua iniciativa se deve a fundação de um Instituto de ensino para formar professoras. Vivamente se dedicou às vocações, tomando parte nos problemas atinentes a cada candidata. Antes dos exames decisivos vinha pessoalmente trazer-lhes sua bênção e após os mesmos, vinha certificar-se dos resultados, participando de suas alegrias. Meninas pobres tiveram até o seu amparo material, pois bem sabia ele o que significava ser estudante e ser pobre.

O Bispo, além disso, teve para cada Irmã, desvelo paternal, e a cada uma dava assistência espiritual, toda vez que a dessejasse. Acontecia ir a Algersdorf no meio de uma tempestade de neve, somente para atender em confissão uma Irmã que pedira. Certa feita, até uma Irmã, achando-se em grande aflição em Hartmannsdorf, pediu seu auxílio e prontamente o Bispo mandou aprontar o carro para acudir à necessitada. Por mais que cuidasse da diocese, não esquecia o Bispo-Príncipe o quanto vale uma alma.

Assim vemos que D. Zwerger se tornara o Reformador que salvou a Congregação, a qual lhe deve imensa gratidão. Nos 26 anos de seu pastoreio, trabalhou incansavelmente para imbuir as Irmãs sempre mais de espírito eclesial. De acordo com o gosto da época, favorável a uma piedade mais devocional, ele a acolheu, dando, porém, maior ênfase à devoção ao Sagrado Coração, tão recomendada pela

Igreja. Pessoalmente introduziu as Irmãs no espírito desta devoção nas suas conferências, fazendo também a primeira Consagração coletiva de toda a Congregação ao Sagrado Coração.

Tendo recebido uma herança de milhões do Barão Lilienthal, podendo dispor do dinheiro para fins caritativos, nada reservou para si, ficando apenas com os aborrecimentos, mas conseguia assim financiar uma construção nova para as Irmãs. Com os fundos, provenientes da herança, iria construir também a Igreja do Sagrado Coração, a Igreja de São Vicente junto com o Instituto "Leopoldinum", e a Igreja destinada à Casa-Mãe das Irmãs. Porém, mais urgente se lhe afigurava uma nova construção para as Irmãs, pois a Casa-Mãe já era pequena demais. Assim em 1885 começou a construir uma nova ala, ao longo da rua. Iriam instalar aí o Internato e as salas de aula, enquanto a ala antiga, exceção feita da Capela e dos refeitórios, ia ficar só para as Irmãs. Em breve nem isto bastou. Impunha-se a necessidade de nova construção. O projeto fora elaborado e estudado pelas próprias Irmãs. Quanto ao espaço calculou-se que cada Irmã, mesmo das filiais, devia ter lugar e cama, na Casa-Mãe. O Bispo, a princípio achou o plano algo dispendioso, porém, deixou-se convencer pelos argumentos e prometeu seu auxílio. Ainda pouco antes de morrer, mandou comunicar à Revda. Madre que todas as despesas da nova construção iam ser saldadas com os fundos da herança do Barão Lilienthal. Em sinal de gratidão, as Irmãs, até hoje, rezam diariamente pelas vocações sacerdotais.

D. Zwerger não teve mais ocasião de assistir à inauguração da nova ala. Aos 11 de junho ainda fora consagrar um altar em Deutschlandsberg. Foi sua última ação oficial como Bispo. A partir do dia seguinte até o dia 14 de agosto de 1893, dia de sua morte, 26 anos após sua nomeação para Bispo de Seckau, já não podia tomar alimentos sólidos. A Igreja do Sagrado Coração, por ele construída, conserva seus restos mortais.

A fidelidade deste grande prelado a Roma é atestada pelas suas 27 viagens, a Ela, feitas, na qualidade de Bispo. Mais uma viagem estava planejada, que devia levá-lo até Jerusalém. Porém, quem a fez, foi seu sucessor. Na Casa-Mãe das Irmãs das Escolas Cristãs ele, o Pai e Pastor, esteve 535 vezes. É bem compreensível de as Irmãs terem sentido bastante dolorosa a nomeação de um Comissário para a Congregação, por parte do novo Bispo D. Leopoldo Schuster, logo no início de seu governo. Sentiram-se duplamente órfãs. Só aos poucos foram compreendendo o motivo desta nomeação pelo Sr.

Bispo. Foi precisamente sua preocupação com as Religiosas. Pois ele se viu impossibilitado de dar pessoalmente toda a assistência que as Irmãs precisavam. Daí a indicação de um Comissário especial. A respeito de D. João Zwerger vale a pena citar uma frase de certo prelado, durante o Concílio Vaticano: "Este homem chama-se Zwerger (anão), contudo, é um gigante!" Porém, nem todos podem ser gigantes.
